



Seminario Internacional de los espacios de frontera
V GEOFRONTERAS
"Territorialidades y Sujetos transfronterizos"
Compiladores: Norma Oviedo, Diana Mabel Arellano y Froilán Fernández

ALIMENTOS CONTRABANDEADOS: CAMINHOS INVERSOS DO CONTRABANDO NA FRONTEIRA BRASIL-PARAGUAI

PAOLA STEFANUTTI⁴¹
GREGORY VALDIR⁴²

RESUMO

Este texto deriva de uma pesquisa de maior amplitude que busca estudar feiras de uma zona fronteiriça. Neste recorte objetiva-se analisar indícios de alimentos contrabandeados na Feria de Ciudad del Este na fronteira Brasil – Paraguai. Os percursos desta pesquisa foram moldados através do método indiciário em práticas do cotidiano, é uma mistura entre Ginzburg (1989 e 2006) e Certeau (2007 e 2008) com pitadas etnográficas. A pesquisa contou com observação participante na feira mencionada e no Ceasa brasileiro. As visitas à Feria foram sempre acompanhadas por Karen Liliana Riveros, paraguaia que estuda temas envoltos à alimentação, e que fez traduções do guarani para o português quando necessário. Também foram realizados diálogos com feirantes e produtores, entrevista com um dos membros da comissão diretiva da Feria, pesquisas online, pesquisa em jornais, nas bibliotecas dos dois lados da fronteira e muitos ruminantes.

A Feria de Ciudad del Este (PY) está localizada a quatro quilômetros da Ponte da Amizade, e curiosamente abriga duas feiras essencialmente opostas em um mesmo galpão: uma de produtores orgânicos locais denominada de Central de Produtores e Feirantes Hortigranjeiros (CPFH) do Alto Paraná à esquerda e outra de comerciantes que buscam produtos hortigranjeiros no Ceasa brasileiro, denominada de Feira Permanente à direita. Nesta parte também se vende produtos industrializados como macarrão, farinha de trigo, sal, óleo vegetal, erva-mate e produtos de limpeza. Porém na área central bancas das duas feiras se misturam lado a lado competindo pela atenção dos clientes.

Essa divisão compartilhada gera inúmeros conflitos entre produtores e comerciantes. Para os agricultores a permanência dos comerciantes nas dependências do mesmo espaço afeta suas vendas, pois os mesmos estariam praticando concorrência desleal, por terem produtos mais baratos, porém ilegais. Os agricultores também relatam que essa situação causa confusão aos clientes na identificação de quais produtos são dos produtores e quais são dos comerciantes, podendo levar a uma má interpretação dos produtos oferecidos, entre orgânicos e não-orgânicos. Essa indisposição entre produtores e comerciantes, foi registrada em jornais paraguaios, como o ADN Paraguayo, com as palavras: produtos de contrabando, vendedores de alimentos de contrabando, “guerra” entre produtores e contrabandistas. Nestas linhas fica evidente a instabilidade vivida no espaço compartilhado entre produtores e comerciantes, entre frutas, verduras e hortaliças.

Por convenções sociais do lado brasileiro, quando se menciona a palavra “contrabando” associa-se ao contrabando de armas, drogas, cigarro, e até os mais leves como eletrônicos. Porém, nesta pesquisa pode ser visto o ressignificado das palavras contrabando e contrabandista que assumem novas definições do outro lado da fronteira, o comerciante de

⁴¹ Paola Stefanutti. Docente do Instituto Federal do Paraná – IFPR. Email: paola.stefanutti@ifpr.edu.br

⁴² Gregory Valdir. Docente da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE. Email: valdirmacgregory@gmail.com



**Seminario Internacional de los espacios de frontera
V GEOFRONTERAS**

"Territorialidades y Sujetos transfronterizos"

Compiladores: Norma Oviedo, Diana Mabel Arellano y Froilán Fernández

alimentos é considerado contraventor ao cruzar a ponte carregado de produtos. Não é só eletrônico, cigarro, drogas e armas, comidas também podem ser contrabandeadas. Essas discussões demonstram que as fronteiras integram, mas desintegram, unem, mas separam. E atingem diversas práticas do cotidiano, inclusive as alimentares.

A FERIA

A Feria está localizada atrás do Terminal de Ônibus da cidade e ao lado do estádio de futebol 3 de Febrero. É interessante pensar que a Feria está localizada para aqueles aos quais é destinada. Pois apesar de ser perto desses locais - Terminal e estádio de futebol - o trajeto até lá é fora da concentração de turistas que circulam pelo conglomerado centro de compras. Utilizando como ponto de referência a famosa loja Monalisa bem no centro comercial da cidade, a Feria fica a quase três quilômetros. É uma Ciudad del Este não imaginada.

A Feria de Ciudad del Este ocorre de quarta a sexta-feira, sendo que na quarta-feira funciona de 12:00 às 21:00, ou até haver clientes, na quinta os três turnos e na sexta se encerra às 10:00.

Figura 01: Mapa de Ciudad del Este com a Feria⁴³



Fonte: Google Maps

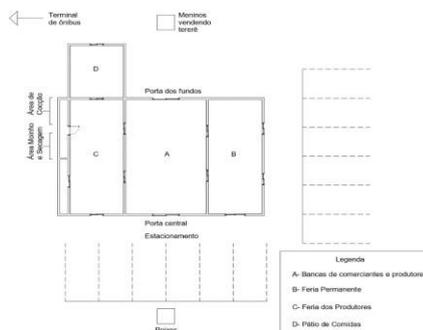
A Feria de Ciudad del Este ocorre em um enorme galpão com quatro áreas distintas. A entrada principal dá acesso à parte central do galpão (A) que consta com bancas provenientes das duas feiras dos Produtores e da Permanente, ou seja

com produtos orgânicos e produtos do agronegócio, em que os formatos, as cores, os aromas, a plasticidade e o real, a perfeição e o defeito são algo a serem debatidos e ruminados. As diferenças são gritantes, não são vestígios, são fatos explícitos.

Esta parte central dá acesso a outros dois galpões do lado direito e do lado esquerdo. Do lado esquerdo é onde ocorre a Feira Permanente (B), onde há comercialização de produtos industrializados, como macarrão, farinha de trigo, sal, óleo vegetal e erva para mate, produtos de limpeza como sabão em pó, amaciante e papel higiênico. Botijão de gás também é comercializado ali. Roupas, chinelos, bolsas e carteiras também são vendidos e se encontra até um brechó.

Além disso, há frutas e verduras que brilham, quase lustrados, e que remetem algo não da terra, e sim da plasticidade. Laranja, maçã, maracujá, morango, mamão, batata, cenoura, cebola, alface que aparentam ser de plásticos, são provenientes do Ceasa de Foz do Iguaçu e dão as boas-vindas à feira. Essas frutas e verduras podem ser encontrados nos supermercados de norte a sul do Brasil.

Figura 02: Mapa da Feria de Ciudad del Este⁴⁴



Fonte: Da autora

⁴³ Ver mais em: CIUDAD DEL ESTE. 2019. Google Maps. Google. Disponível em: < <https://www.google.com.br>>. Acesso em: 22 abr. 2019.

⁴⁴ Este mapa da Feria possui fins didáticos e não arquitetônicos, não estando em escala.



Seminario Internacional de los espacios de frontera
V GEOFRONTERAS

"Territorialidades y Sujetos transfronterizos"

Compiladores: Norma Oviedo, Diana Mabel Arellano y Froilán Fernández

Do lado direito (C) é exclusivo da Feira dos Produtores, com produtos produzidos na região do Alto Paraná, cujo grande diferencial é ser uma feira agroecológica, um *farmers' market*⁴⁵, isto é, um mercado de agricultores/produtores da própria região, em que quem vende é também quem produz, em uma cadeia curta de produção, sem intermediários. O produto vendido é local, é da região, é do território. Segundo a organização não governamental (ONG) *Red Rural de Organizaciones Privadas de Desarrollo* ou apenas Red Rural (2016), esta é considerada uma das experiências agroecológicas mais expressivas do Paraguai.

Aos fundos dessa parte à direita dá acesso ao Pátio de Comidas (D), onde são preparadas e comercializadas comidas de feiras.

AS TENSÕES

Durante entrevista com um dos coordenadores da Feira dos Produtores, Luis Lopes Benites (2019), ele menciona que a Feira surge em 1997 com o objeto de escoar a produção dos pequenos produtores, pois, por não terem uma larga escala de produção, não conseguiam entregar nos supermercados ou mercados. Este tipo de mercado de venda direta tem sido considerado uma forma sustentável de venda de produtos alimentares, pois favorece o pequeno produtor, dando maior possibilidade deste receber financeiramente de forma mais justa pelo seu trabalho, além de possibilitar a

⁴⁵ Mercados com duas principais características: venda direta – quem produz é quem vende – e produtos à quilometro zero, isto é venda de produtos do próprio território, sem grandes deslocamentos. Do próprio território entende-se por região, ou no Paraguai por departamento.

continuidade do trabalho no campo para as gerações futuras. Tal como mencionado por Cielo e Zanini (2015, p.110), em estudos sobre pequenos produtores de uma feira no Rio Grande do Sul: “É a partir da exposição, venda e conseqüentemente do escoamento de suas produções que os camponeses ali presentes fazem da feira um espaço que possibilita sua continuidade enquanto camponeses”.

O entrevistado lembra que nos primeiros tempos, no começo da Feira, os pequenos produtores arrancavam da terra o que tinham e traziam para a feira para vender: “Era uma pequena mandioca, uma pequena abobrinha, uma pequena batata, feijão, tudo o que havia era trazido para ser vendido”. Posteriormente começou-se a planejar a produção, pois havia necessidades de outros produtos como ovo, queijo, carne, pescado e da diversificação das verduras e hortaliças.

Benites (2019) explica que a maioria dos produtores trabalham com sementes tradicionais e cultivo orgânico. Com exceção dos cultivos com sementes melhoradas que necessitam de aplicação de tecnologia, como é o caso do tomate, pimentão e algumas melancias. Obrigatoriamente uma semente melhorada não produz se não tiver aplicação de tecnologia.

Fica evidente o confronto entre as duas feiras, quando o coordenador diz que há muitas pessoas que vão até a Feira de Ciudad del Este, não conhecem o espaço e: “[...] fazem compra lá e dizem depois que aqui tem uma máfia de mentira que diz que a produção é do campo, mas são produtos brasileiros. Agora mesmo, nós não temos produção de alho e de cenoura. Não temos por causa do tempo. Mas se passamos para o outro lado, vamos encontrar esses produtos” (Benites, 2019).



Seminário Internacional de los espacios de frontera
V GEOFRONTERAS

"Territorialidades y Sujetos transfronterizos"

Compiladores: Norma Oviedo, Diana Mabel Arellano y Froilán Fernández

Neste momento, Karen, nossa acompanhante, acrescentou que já havia escutado que algumas vezes eles colocavam produtos brasileiros ali. Como por exemplo na época que não tinha tomate. Na banca encontrava-se tomates brasileiros. Enquanto Karen falava, Benites (2019) contrariado a interrompeu: *"Não, aqui não tem isso. Porque a comissão diretiva lida com os setores da produção e todos sabem onde estão os cultivos"*. Há um evidente controle por parte da comissão diretiva da feira sobre a produção e os processos dos produtores.

Nas madrugadas dessa fronteira, entre 04:00-05:00, a Ponte da Amizade comumente fica engarrafada no sentido Paraguai - Brasil. Para quem conhece o Ceasa do lado de cá, sabe que deve chegar cedo antes que "os paraguaios peguem tudo". Pegar tudo é exagero, porém vans e mais vans paraguaias são carregadas de hortifrúti e retornam ao Paraguai bem no início da manhã. Algumas vezes há caminhões também. É um ir e vir do comércio de alimentos, não habitual no âmbito mercantil desta fronteira.

O Ceasa é um capítulo à parte. Já havia ido até o local em algumas ocasiões, porém mais no meio e final da manhã, para conversar com o coordenador e fazer visita técnica pelos boxes com os alunos. É uma outra experiência. Resolvi visitar o Ceasa as 04:30 da manhã. Voltei e retornei. Aquele espaço daria uma tese à parte. Frutas, verduras, hortaliças chegam de várias regiões do Brasil para abastecer o Ceasa. Os donos dos boxes são brasileiros, porém para a minha surpresa a maioria dos trabalhadores são paraguaios. Moram em Ciudad del Este e atravessam a Ponte da Amizade no meio da madrugada para o trabalho pesado, árduo e ágil. Tudo é rápido, as compras,

as conversas, as entregas. Tereré e chimarrão se vê pouco, a pressa é a inimiga dessas práticas.

As placas dos carros, vans e caminhões presentes sinalizavam algo: Paraguai. Converso com um, converso com outro, e descubro que as placas paraguaias vão além de Ciudad del Este. Os grandes caminhões vão no sentido do interior do Paraguai e abastecem até o Ceasa de Assuncion a 330 km de distância. Compradores paraguaios e trabalhadores paraguaios. Estamos mesmo do lado brasileiro? Pessoas e comidas que viajam. Pessoas e comidas que migram.

Pode-se questionar, mas não há compradores brasileiros? Há sim, porém os "maiores compradores" que são supermercados, verdurões, hotéis e grandes restaurantes compram direto do Ceasa sem a necessidade de estar ali, isto é, o caminhão dos próprios boxes faz entrega pela cidade, mas não fora dela. O Ceasa é mais um caso dentro da cadeia gastronômica da cidade que não está ilesa as movimentações, influências e particularidades que o estar na fronteira proporciona.

Voltando a questão da indisposição entre produtores e comerciantes, esta foi registrada em jornais paraguaios e se tornou destaque no mês de setembro de 2018 quando as relações ficaram mais acirradas. Quatro matérias entre 11 a 20 de setembro tomaram conta no ADN Paraguayo, jornal de Ciudad del Este, com os títulos de: Feirantes são contra os comerciantes que vendem produtos de contrabando; Produtores esteños⁴⁶ tomarão medidas de força contra vendedores de alimentos de contrabando; Anunciam "guerra" entre produtores e contrabandistas; Agricultores esteños chegam a um

⁴⁶ Aqueles que são de Ciudad del Este.



Seminário Internacional de los espacios de frontera
V GEOFRONTERAS

"Territorialidades y Sujetos transfronterizos"

Compiladores: Norma Oviedo, Diana Mabel Arellano y Froilán Fernández

acordo com os comerciantes de produtos de contrabando. Nestas linhas fica evidente a instabilidade vivida no espaço compartilhado entre produtores e comerciantes e que há fronteiras dentro da própria feira.

Aliás, há uma clara distinção entre essas duas palavras. Os produtores vendem seus próprios produtos, já os comerciantes são aqueles que vendem produtos de terceiros. Para este cenário, esta categorização ganha outros sentidos, outros significados. Dos outros lados da fronteira, não há esse significado. Assim como produtor e comerciante, as palavras contrabando e contrabandista assumem novos significados do outro lado da fronteira. Não é só eletrônico, cigarros, drogas e armas. Comidas também podem ser contrabandeadas. São ressignificações. Na primeira matéria "*Feirantes são contra comerciantes que vendem produtos de contrabando*"⁴⁷ foi retratado a situação de que os feirantes ameaçaram não deixar entrar na Feria vendedores de frutas e vegetais, que supostamente ingressam por contrabando no país. Os agricultores garantem que a permanência dos mesmos nas dependências da Feria de Ciudad del Este afeta suas vendas, ao realizar concorrência desleal por terem produtos mais baratos que os agricultores, mas sob ilegalidade. Segundo a matéria eles denunciaram o fato desde julho no Conselho Municipal de Ciudad del Este, e solicitaram que os comerciantes que contrabandeiem bens não realizem nenhum tipo de atividade

dentro do galpão da Feira Permanente da capital departamental. Um feirante afirmou ao jornal que se essa situação não fosse resolvida, eles proibiriam a entrada aqueles que não oferecem produtos legais e nacionais, da mesma forma que eles.

A reportagem ainda afirmou que por vários anos os produtores queixam-se da entrada ilegal deste tipo de mercadoria através da Ponte da Amizade. Em repetidas ocasiões se demonstraram contra a prática, mas não conseguiram resolver o problema. O secretário da Agricultura do governo naquele período prometeu mediar para que todos os produtos oferecidos na Feira, sejam nacionais.

Interessante que em momento algum a reportagem cita que os produtos são brasileiros ou que são comprados no Ceasa. Somente que a entrada ilegal se dá através da Ponte da Amizade. Para bom entendedor. Os lados mudam e o tipo de contrabando também. De algum modo isso é um fazer cotidiano das fronteiras.

Na reportagem "*Produtores esteños tomarão medida de força contra vendedores de alimentos de contrabando*"⁴⁸ os produtores afirmaram que iriam restringir na semana seguinte a entrada dos comerciantes que oferecem produtos contrabandeados no local. Eles alegam que essas pessoas estão competindo injustamente com pequenos produtores paraguaios.

⁴⁷ Ver mais em: Feriantes están en contra de comerciantes que venden productos de contrabando. ADN Paraguay, Ciudad del Este, 11 Set. 2018. Disponível em: <<http://www.adndigital.com.py/feriantes-estan-comerciantes-venden-productos-contrabando/>>. Acesso em: 17 abr. 2019.

⁴⁸ Ver mais em: Productores esteños tomarán medida de fuerza contra vendedores de alimentos de contrabando. ADN Paraguay, Ciudad del Este, 15 set. 2018. Disponível em: <<http://www.adndigital.com.py/productores-estenos-tomaran-medida-fuerza-vendedores-alimentos-contrabando/>>. Acesso em: 17 abr. 2019.



Seminário Internacional de los espacios de frontera
V GEOFRONTERAS

"Territorialidades y Sujetos transfronterizos"

Compiladores: Norma Oviedo, Diana Mabel Arellano y Froilán Fernández

Um dos produtores afirmou à reportagem que esse tipo de situação distorce o propósito da Feira do Produtor, que é oferecer à clientela produtos nacionais frescos, produzidos de forma orgânica. O feirante ressaltou a importância da Feira com seu histórico de mais de vinte anos, e disse que estão lutando pelo trabalho deles. Segundo o produtor são mais de doze mil consumidores por semana, e obviamente, querem ser respeitados.

A próxima matéria "Anunciam "guerra" entre produtores e contrabandistas"⁴⁹ diz que uma verdadeira "guerra" poderia ser desencadeada entre os membros da Central de Produtores e Feirantes Hortigranjeiros do Alto Paraná e os supostos contrabandistas que operam na fronteira. Os produtores anunciaram que não permitiriam a entrada de frutas e vegetais do Brasil, e que eles próprios fariam as verificações.

Os "paseros" cuja tradução é transeuntes, mas que aqui significa pessoas que trazem bens ilegalmente, indicaram que iriam responder a essa situação, argumentando que eles também teriam o direito de trabalhar e informaram que a partir daquela data, 17 de setembro, iriam se instalar à frente da Ponte Internacional da Amizade para combater as acusações que entram ilegalmente no país. Isso poderia gerar um conflito na passagem do limite entre os dois países.

Ainda segundo a reportagem é sabido que um grande volume de carga entra do Brasil todos os dias através da Ponte da Amizade. Entre eles vem uma

enorme quantidade de vegetais e frutas. Um produtor relatou à reportagem que os comerciantes não cumpriram o acordo estabelecido entre eles, de não comercializarem as mercadorias iguais às que eles produzem como tomate, pimentão, cenouras e beterrabas.

Os produtores queriam que tanto o Ministério da Agricultura e Pecuária (MAG), por meio do Senave (Serviço Nacional de Qualidade e Saúde Vegetal e Sementes), quanto a Alfândega combatam seriamente a entrada desses produtos, alegando que eles, os produtores, seriam seriamente afetados. A última reportagem mencionada é: "Agricultores esteños chegam a um acordo com os comerciantes de produtos de contrabando"⁵⁰. Ambos os grupos chegaram a um acordo depois de uma reunião, após os comerciantes que oferecem produtos introduzidos ilegalmente prometeram não vender mais os insumos iguais aos produzidos pelos produtores. Esse mesmo acordo foi realizado em agosto de 2018, porém não foi cumprido pelos comerciantes.

A presidente da Comissão da Feira Permanente, Gladys Alcaráz, da parte dos comerciantes, afirmou o compromisso e disse que os produtores é que fornecerão frutas e legumes para comercialização. Porém, como relatado anteriormente, após meses de discussão é possível ver produtos que claramente são de cultivos diversos. Convido o leitor a identificar qual fotografia se refere a produção orgânica e qual a produção do agronegócio.

⁴⁹ Ver mais em: Anuncian "guerra" entre productores y contrabandistas. ADN Paraguay, Ciudad del Este, 17 set. 2018. Disponível em: <<http://www.adndigital.com.py/anuncian-guerra-productores-contrabandistas/>>. Acesso em: 20 mar. 2019.

⁵⁰ Ver mais em: Agricultores esteños llegan a un acuerdo con comerciantes de productos de contrabando. ADN Paraguay, Ciudad del Este, 20 set. 2018. Disponível em: <<http://www.adndigital.com.py/agricultores-estenos-llegan-acuerdo-comerciantes-productos-contrabando/>>. Acesso em: 20 mar. 2019.



Seminário Internacional de los espacios de frontera
V GEOFRONTERAS

"Territorialidades y Sujetos transfronterizos"

Compiladores: Norma Oviedo, Diana Mabel Arellano y Froilán Fernández

As fotografias apenas vistas foram feitas em abril de 2019, sete meses após essas reportagens, nelas é possível ver a venda de produtos iguais, porém de fontes diversas. Os produtos orgânicos e de produção do agronegócio merecem uma pormenorização em um outro momento. Ressalta-se que as cenouras fotografadas e registradas nesta escrita eram de um período diverso da entrevista com Benites (2019) que afirmou não ser época de cenoura.

Ao discorrer sobre fronteiras, uma das primeiras associações que perpassa a mente é a questão de limite de Estado-Nação, divisão entre países, e suas regiões limítrofes, porém seu significado transcende essa superficial definição como pode ser visto neste estudo. Além de limite territorial, ao se refletir sobre esse tema, deve-se levar em conta que há outras tipologias de fronteiras, que estarão sujeitas à: “[...] natureza da discussão a ser realizada”, conforme Antônio Marcos Myskiw (2005, p.227). Ainda segundo o autor, pode-se visualizar a fronteira no plano simbólico, humano, social, sendo este um entre-espaço em que fronteiras invisíveis são criadas e reafirmadas mediante discursos, da própria história, da mídia, entre outras possibilidades.

Portanto, essa não é apenas uma feira na fronteira, mas uma feira na fronteira que também possui suas fronteiras internas, seus limites estabelecidos entre pessoas, bancas, frutas e verduras.

Registrada em inúmeros trabalhos, estudos e reportagens, essa fronteira (Brasil – Paraguai) é marcada pelas relações comerciais lícitas e mais comumente ilícitas, os famosos contrabandos, que nascem com a própria instalação da Colônia Militar em Foz do Iguaçu: *“Somente por meio do contrabando, ou seja, da compra de produtos estrangeiros sem pagamento*

de taxa de importação, era possível abastecer a população que vivia nos limites da colônia. Vista deste ângulo, a compra de produtos que vinham da Argentina e do Paraguai, tal como era realizada pelos moradores locais, antes da fundação da colônia, passara a ser caracterizada como contrabando” (Souza, 2009: 161-162).

A prática do comércio entre cidades, em busca de abastecimento, é algo intrínseco na história do surgimento dos burgos, das vilas e dos municípios. Faz-se um questionamento: — Se não houvesse outros países envolvidos, outras fronteiras, essa prática, ao invés de denominar-se contrabando, seria algo como política de desenvolvimento regional? Essa foz, esse caminho estreito, não nasceu ilegal, mas se tornou ilegal a partir do estabelecimento dos Estados nacionais e suas fronteiras e a consequente instituição da legislação, o que criou: legal e ilegal, passagem e contrabando, feirante e contrabandista. Ruminares.

Ressalta-se que essa não é a primeira vez que há registros de produtos alimentícios sendo contrabandeados nesta fronteira. Um dos primeiros registros alimentares de contrabando no sentido Brasil – Paraguai foi o café brasileiro, conforme consta nos trabalhos de Souza (2009) e Stefanutti & Gregory (2018).

Nesta fronteira onde há fluxos e mercadorias estabelecidas trazer para a discussão caminhos inversos com novos produtos é uma forma de repensar este espaço, desconstruir determinados conceitos e constatar que as dinâmicas são fluídas, flexíveis e múltiplas. A cada olhar, podem surgir particularidades ainda não registradas, pensadas e analisadas. O contexto fronteiriço é um grande caleidoscópio que depende de quem, o que e quando o observa.



**Seminário Internacional de los espacios de frontera
V GEOFRONTERAS**

"Territorialidades y Sujetos transfronterizos"

Compiladores: Norma Oviedo, Diana Mabel Arellano y Froilán Fernández

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os indícios de alimentos contrabandeados na Feria de Ciudad del Este e as tensões que qualquer contrabando “carrega” foram verificados através de produtos iguais, mas de origens diversas – como as cenouras fotografadas – na entrevista com um dos coordenadores da Feira dos Produtores e nas matérias de jornais.

Constatou-se este local como um espaço polemológico, como lembra Certeau (2007), um espaço de guerra, de conflitos encobertos e outros nem tanto. Disputas entre produtores e comerciantes, entre orgânicos e não-orgânicos, entre fracos e fortes. Entre a ilusão de estar comprando produtos da região, produtos da feira, produtos locais.

Registra-se ainda o ressignificado das palavras contrabando e contrabandista que assumem novas definições do outro lado da fronteira, afinal o comerciante de alimentos é considerado contraventor ao cruzar a ponte carregado de produtos em um caminho inverso do contrabando “oficial”. A alimentação é mais um fenômeno social que está suscetível às dinâmicas, interações, influências e singularidades que o estar e viver na fronteira pode possibilitar.

REFERÊNCIAS

ADN Paraguayo Agricultores esteños llegan a un acuerdo con comerciantes de productos de contrabando. (2018, Setembro 20). Recuperado em 20 março, 2019, de <http://www.adndigital.com.py/agricultores-estenos-llegan-acuerdo-comerciantes-productos-contrabando/>

Anuncian “guerra” entre productores y contrabandistas. (2018, Setembro 17).

ADN Paraguayo. Feriantes están en contra de comerciantes que venden productos de contrabando. (2018, Setembro 11). Recuperado

em 17 abril, 2019, de <http://www.adndigital.com.py/feriantes-estan-comerciantes-venden-productos-contrabando/>

ADN Paraguayo. Recuperado em 20 março, 2019, de <http://www.adndigital.com.py/anuncian-guerra-productores-contrabandistas/>

ADN Paraguayo. Recuperado em 17 abril, 2019, de <http://www.adndigital.com.py/productores-estenos-tomaran-medida-fuerza-vendedores-alimentos-contrabando/>

BENITES, L. L. Entrevista concedida em 03/04/2019 à Paola Stefanutti, Ciudad del Este.

CERTEAU, M. (2007) A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer (13ª ed). (E. F. Alves, Trad.). Petrópolis, RJ: Vozes.

CERTEAU, M., GIARD, L., y MAYOL, P. (2008) A invenção do cotidiano: 2. Morar, cozinhar. (7ª ed). (E. F. Alves & L. E. Orth, Trad.). Petrópolis, RJ: Vozes.

CIELO, D.P., y ZANINI, M. C. C. (2015). O Feirão Colonial como importante alternativa a pequenos produtores rurais da Região Central do estado do Rio Grande do Sul. In S.S.

OLIVEIRA, M.R.P. DUTRA, y M.C.C. ZANINI.(Orgs.). Somos todas mulheres iguais! Estudos antropológicos sobre feira, gênero e campesinato. (Vol.1., pp.108-118). São Leopoldo, RS: Editora Oikos.

Ciudad Del Este. (2019). Google Maps. Recuperado em 22 abril, 2019, de: <https://www.google.com.br>

GINZBURG, C. (1989). Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história. (F. Carotti, Trad.). São Paulo: Companhia das Letras.

GINZBURG, C. (2006). O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição (8ª ed). (M.B. Amoroso, Trad.). São Paulo: Companhia das Letras.

MYSKIW, A. M. (2005) Fronteira. In M. Motta (Org.). Dicionário da Terra. Vol.1. Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira. Produtores esteños tomarán medida de fuerza contra vendedores de alimentos de contrabando. (2018, Setembro 15).



**Seminário Internacional de los espacios de frontera
V GEOFRONTERAS**

"Territorialidades y Sujetos transfronterizos"

Compiladores: Norma Oviedo, Diana Mabel Arellano y Froilán Fernández

RURAL, R. (2016). A Central de Produtores e Feirantes Hortigranjeiros no Paraguai. Revista Agriculturas. 13(3), 56-64. Recuperado em 20 setembro, 2019, de http://aspta.org.br/wp-content/uploads/2016/12/Agriculturas_V13N3_ARTIGO-6.pdf

SOUZA, A. D. (2009). Formação econômica e social de Foz do Iguaçu: um estudo sobre as memórias constitutivas da cidade (1970-2008). Tese de doutorado, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil.

STEFANUTTI, P., y GREGORY, V. (2018). Do Couvert ao Café: pescadores, memórias e comidas. Curitiba: Editora IFPR.